

**Em Busca do Político.
Maquiavel e a Filosofia Política Contemporânea (Arendt, Strauss,
Lefort).**

Helton Machado Adverse
Professor do Departamento de Filosofia da UFMG

Projeto de pesquisa para solicitação de ingresso no Programa de Pós-
Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da USP.

I - Introdução:

Em uma carta a Hannah Arendt, datada de 12 de abril de 1956, Karl Jaspers afirmava que “o modo pelo qual cada um entende Platão é o critério de seu próprio filosofar”¹. Este projeto de pesquisa acolhe esta sugestão, mas introduz duas modificações: a primeira, substitui Platão por Maquiavel; a segunda, restringe o escopo ao domínio da reflexão política contemporânea.

Com efeito, o estrato mais representativo da filosofia política do século XX concedeu atenção ao pensamento de Maquiavel. Não estamos certos se poderíamos afirmar o mesmo de outro pensador, com exceção de Marx. Maquiavel, como já foi muitas vezes observado, tem uma fortuna crítica ímpar, seja pela variedade de interpretações seja pela diversidade de reações que sua obra suscita. O que nos interessa aqui, porém, é propor a análise do “momento maquiaveliano” de três pensadores que ocupam, sem dúvida, um lugar importante no campo do pensamento político contemporâneo, tendo sido responsáveis, em grande medida, pelo revigoramento da filosofia política a partir da segunda metade do século XX. Este três pensadores são Hannah Arendt, Leo Strauss e Claude Lefort.

A escolha desses filósofos pode parecer arbitrária, especialmente quando levamos em conta não somente a grande diversidade de correntes de pensamento no interior da filosofia política contemporânea, mas também a enorme quantidade de intérpretes da obra maquiaveliana no mesmo período. Em nossa defesa, poderíamos observar que essa variedade de leituras e autores exigem o estabelecimento de um recorte preciso no território delimitado pela recepção de Maquiavel. Porém, o motivo mais profundo que nos leva a selecionar esses autores é o fato de que em todos eles nos deparamos com a interrogação acerca do sentido da política (ou sobre *o* político²), formulada a partir da leitura da obra de Maquiavel. Levando isso em conta, o que nos interessa não é primordialmente trazer elementos novos para a história da recepção do pensamento maquiaveliano (embora inevitavelmente o façamos), mas mostrar que, ao menos em parte, a história da filosofia política contemporânea deve ser lida no interior do horizonte delimitado pela obra do florentino. Nossa escolha hermenêutica atribui a Maquiavel o lugar de fundador do pensamento político moderno em um sentido

¹ Hannah Arendt. Karl Jaspers. *Correspondance* (1926-1969). Paris. Payot, 1996, p. 396.

² A distinção entre *o* político e *a* política, tão cara a Claude Lefort (que a retoma de Julien Freund), assinala a diferença entre a dimensão fundamental, instituinte, da vida política e sua dimensão histórica, instituída.

bastante preciso: a compreensão maquiaveliana do político prepara o terreno sobre o qual a filosofia política contemporânea será erigida, o que deve ser entendido da seguinte maneira: em primeiro lugar, Maquiavel opera uma ruptura com a tradição do pensamento político, assinalando suas limitações para se compreender a natureza da ação política e, por extensão, a natureza da dimensão política; em segundo lugar, essa ruptura é necessariamente acompanhada por uma reformulação dos problemas centrais da política, lidos à luz da relação entre moral e política, assim como entre o político e o social. Nos trabalhos dos três autores que pretendemos analisar, nós poderemos aferir em que medida a leitura de Maquiavel permite a retomada, em bases novas, de conceitos fundamentais como virtude, conflito, lei, poder etc. Arendt, Strauss e Lefort constroem um pensamento político original a partir do gesto inaugural maquiaveliano, o que apenas podem fazer reiterando esse gesto de acordo com suas necessidades teóricas.

II- Objetivo Geral:

A pesquisa a ser realizada se enquadra no conjunto de estudos sobre a recepção de Maquiavel na filosofia contemporânea. De modo geral, ela visa explorar um de seus âmbitos, dando atenção a alguns dos autores que tomaram como um dos problemas centrais de sua filosofia a interrogação sobre a natureza do político.

III – Objetivos Específicos:

Dois são os objetivos específicos do trabalho a ser realizado: em primeiro lugar, por meio do encontro com a obra de Maquiavel, compreender temas centrais no pensamento político de Arendt, Strauss e Lefort. Neste momento do estudo, Maquiavel aparece como uma espécie de “operador conceitual” graças ao qual esses autores podem formular algumas de suas noções maiores. Em segundo lugar, o objetivo será demonstrar a hipótese de que o pensamento de Maquiavel permite a esses autores esboçar uma compreensão do sentido da política.

IV – Fundamentação da Hipótese de Trabalho:

O ponto de partida deste projeto é a constatação de que Maquiavel ocupa um lugar de destaque na obra de alguns dos principais pensadores políticos do século XX. Contudo, a perspectiva aqui adotada não pode ser satisfatoriamente descrita por termos como “influência”, “ascendência”, “antecipação” ou “filiação”. A hipótese de trabalho que defendemos é a de que Maquiavel constitui um autor crucial para que esses

pensadores pudessem elaborar elementos nucleares de sua reflexão política. Menos do que uma autoridade intelectual, porém mais do que uma simples ocasião, a obra maquiaveliana exerceu sobre esses autores um forte impacto, a ponto de certos aspectos de suas filosofias políticas ficarem na sombra, ou mal compreendidos, caso não seja promovido o encontro com os textos do secretário florentino. A hermenêutica que adotamos, portanto, não é comparativa (não pretendemos fazer a listagem das similaridades e diferenças) nem prospectiva (sondar, no extenso território das obras de Arendt, Strauss e Lefort, os vestígios do pensamento de Maquiavel seria pouco fecundo e o resultado a constatação do óbvio: Maquiavel é um autor fundamental na história do pensamento político). Antes, a abordagem poderia – mas com alguma reserva – ser denominada de *genética*, isto é, trata-se de evidenciar quais pressupostos das obras desses autores têm sua origem associada ao pensamento maquiaveliano. Não é difícil identificar nesta escolha metodológica uma orientação lefortiana. Quando Claude Lefort, em seu conhecido estudo sobre Maquiavel, recorre à noção de “obra” e lê o destino crítico do florentino na perspectiva de um “trabalho da obra”³, termina por criar um aparato metodológico que pode ser utilizado em contextos diversos. Em grande medida, é precisamente isto que estará aqui em questão, lembrando que a “obra” não é redutível a um objeto de análise do qual seria possível extrair um sentido definitivo, mas aquilo que coloca seu intérprete a pensar e a interrogar seu próprio tempo⁴. A partir daí, se descortina um outro aspecto desta pesquisa: o encontro com Maquiavel representa, para esses pensadores, um encontro com seu tempo e com suas questões políticas cruciais.

Para atingir nossos objetivos, a estratégia que nos parece mais conveniente é partir do pressuposto de que as “teses fundamentais” do pensamento de Maquiavel constituem um território que esses autores irão frequentar na construção de suas próprias filosofias políticas sem, evidentemente, se deixarem limitar por ele. Esses pressupostos podem ser formulados de modo muito preciso no que concerne à obra de cada autor.

IV. I. Na leitura arendtiana de Maquiavel podemos identificar, em uma abordagem inicial, dois conjuntos de problemas que mantêm fortes conexões entre si. O

³ Claude Lefort. *Le travail de l'œuvre. Machiavel*. Paris: Gallimard, 1972.

⁴ A leitura da obra, diz Lefort, nos proporciona “uma abertura à nossa própria história, aqui e agora” (Claude Lefort. “L'œuvre de Pensée et l'histoire”. In: *Les formes de l'Histoire*. Paris: Gallimard, 1978, p. 258).

primeiro concerne ao tema da fundação do Estado, tema presente desde o curso sobre Maquiavel ministrado por Arendt em meados dos anos 1950⁵. Nesse contexto, como demonstraram recentemente Filomena Castaldo⁶ e Isabel Rollandi⁷, Arendt encontra na leitura das obras do florentino a questão crucial, e que sempre a acompanhará, sobre o sentido do político. Na perspectiva arendtiana, Maquiavel, ao erigir o Estado como seu objeto de investigação, abre a possibilidade de recuperar a autêntica dimensão do político, deixada na sombra durante toda a Idade Média⁸. Isso pode ser compreendido a partir das críticas que o florentino dirige à Igreja Católica, tanto em sua presença no jogo político italiano quanto em sua ascendência sobre a formação moral dos indivíduos. A Igreja, para Maquiavel (lido por Arendt), corrompe os homens porque corrompe a esfera dos assuntos públicos⁹, mas apenas pode fazê-lo na medida em que é um agente político orientado por interesses particulares revestidos pela aparência da universalidade, e na medida em que preconiza uma moralidade centrada na ideia de bondade que desvirtua a natureza do político. O mais importante nessa oposição à Igreja, porém, é que o Estado configura uma retomada da política em bases seculares, o que corresponde à busca de “um fundamento político para a política”¹⁰, ou ainda, como ela dirá mais tarde no livro sobre as revoluções, “Maquiavel foi o primeiro a visualizar o surgimento de um reino puramente secular cujas leis e princípios de ação eram independentes do ensinamento do Igreja”¹¹. O que começa a se descortinar a partir da leitura de Maquiavel é uma das questões maiores do pensamento arendtiano, a saber, aquela que diz respeito à fundação do Estado. Não surpreende o fato de Arendt lembrar, já nesse curso de 1955, a frase de Cícero que fora retomada por Maquiavel: “nunca o homem se aproxima tanto dos deuses quanto na fundação e reforma das repúblicas”¹². Ora, desenha-se aqui um eixo que, passando por Cícero e Maquiavel, chegará na obra da própria Arendt, pois que ela também irá compreender a ação política nessa

⁵ Mais especificamente, o curso ministrado na Universidade de Berkeley em 1955, disponível no site da Biblioteca do Congresso Americano.

⁶ F. Castaldo. *L'evento, l'innovazione, la pratica virtuosa. Arendt legge Machiavelli*. Firenze: Centro Editoriale Toscano, 2008.

⁷ I. Rollandi, “Notas para Pensar el Maquiavelo de Hannah Arendt”. In: A. Volco (org), *Maquiavelo en el siglo XX. Lecturas contemporáneas de la modernidad política*. Instituto de Investigaciones Giulio Germani. Buenos Aires: Editora UBA, 2016, pp. 49-68.

⁸ H. Arendt, “History of Political Theory. Lectures. Nichollo Machiavelli, 1955”, folha 024014. In: The Hannah Arendt Papers at the Library of Congress. Acessível em <http://memory.loc.gov/ammem/arendhtml/mharendtFolderP04.html> (último acesso em 30/06/2019).

⁹ Ver I. Rollandi, op. cit., p. 59.

¹⁰ Ver I. Rollandi, op. cit., p. 53.

¹¹ H. Arendt, *On revolution*. New York: Penguin Books, 1990, p. 36.

¹² H. Arendt, “History of Political Theory. Lectures. Nichollo Machiavelli, 1955”, folha 024015.

perspectiva, isto é, como uma forma de atividade que se desvela de modo privilegiado na fundação do corpo político¹³. E não cabe dúvidas de que o livro sobre as revoluções concederá grande espaço a esse tópico, entendendo que a tarefa de constituição da liberdade em uma república é indissociável do estabelecimento de seus fundamentos. Compreende-se, então, porque alguns comentadores que exploraram os laços que unem Arendt a Maquiavel e à tradição republicana centraram suas análises sobre esse ponto¹⁴.

Se o primeiro conjunto de problemas se organiza a partir da noção de Estado em Maquiavel, o segundo concerne à relação entre ação e aparência, outro tema profundamente investigado por Arendt. Sob esse prisma, Maquiavel surge como o pensador que colocou em primeiro plano a natureza fenomenal da esfera política¹⁵, tendo o florentino plena consciência de que no mundo político *ser e aparecer coincidem*, como diz Arendt em diversos lugares¹⁶. Uma das vias que Arendt segue para demonstrar esse ponto será enfatizar o tema da *glória*, entendida em termos fenomênicos, isto é, ao mesmo tempo reputação e aparição do agente no espaço público. A noção maquiaveliana de *virtù* a coloca na pista dessa dimensão propriamente fenomênica da ação política, ao mesmo tempo em que reativa a crítica à toda tentativa de compreensão da ação política a partir de critérios não políticos, como vemos claramente exemplificada na concepção cristã de bondade. Lendo Maquiavel, Arendt observará que a ação política não é redutível aos critérios de bem e mal, mas a ocasião em que a *glória* pode ser atingida¹⁷. E será ainda a respeito da *virtù* que Arendt poderá dizer, em uma passagem muito citada, que a liberdade é inerente à ação, o que Maquiavel teria traduzido como “a excelência com a qual o homem responde às oportunidades que o mundo lhe apresenta sob a guisa da *fortuna*”¹⁸.

¹³ Isso se evidencia desde *A condição humana*. Ver H. Arendt, *The Human condition*. Chicago: The University of Chicago Press, 1958, p. 27.

¹⁴ Ver G. Pancera, “Arendt e Maquiavel: Fundação, Violência e Poder no Pensamento Republicano”. In: *Argumentos*, nº 9, jan/jul 2013, pp. 140-53; S. Torres, “Un Momento Maquiaveliano en Arendt? Republicanismo y Revolución”. In: *Cadernos de Filosofia Alemã*. V. 21, n. 3, 2016, pp. 13-40.

¹⁵ A respeito, ver B. Porcel, “Arendt e o Legado Político de Cícero e Maquiavel”. In: H. Adverse e G. Castelo Branco (org). *Clássicos e Contemporâneos da Filosofia Política*. Belo Horizonte: Relicário, 2015, pp. 29-38.

¹⁶ Como em *The Human condition* e *On revolution*.

¹⁷ “A bondade, então, como um modo de vida consistente, não apenas é impossível nos limites do domínio público; ela pode mesmo destruí-lo. Talvez ninguém tenha tido uma consciência mais aguda da qualidade destrutiva do fazer o bem do que Maquiavel, que, em uma passagem famosa, ousou ensinar aos homens que ‘como não ser bons’” (...) “O critério de Maquiavel para a ação política era a glória, o mesmo que na antiguidade clássica, e a maldade não pode mais brilhar na glória do que a bondade” (H. Arendt, *The Human condition*. Chicago: The University of Chicago Press, 1958, p. 77).

¹⁸ H. Arendt, “What is Freedom?”. In: H. Arendt, *Between past and future*. Nova York: Penguin Books, 1977, p. 153.

Mas importa ressaltar que esses dois conjuntos de problemas estão fortemente associados. Se o problema do Estado permite interrogar acerca da especificidade do político, ele constitui, no contexto renascentista, uma retomada da experiência política grega, o que significa que aspectos centrais da *vita activa* são explicitados na obra do florentino. Como acabamos de ver, esses aspectos podem ser organizados em torno de dois eixos: aquele que concerne à fundação e aquele que concerne à aparência. Seguindo ambos os eixos, somos conduzidos a pensar a política a partir de categorias originadas de seu próprio domínio, isto é, o domínio da ação. Convém recordar que Arendt insistia fortemente na necessidade de pensar a política em seus próprios termos e, por esse motivo, não economiza elogios àqueles que, como Maquiavel, recusaram a chantagem imposta pela tradição da filosofia política de considerar a esfera dos assuntos humanos somente sob a condição de seu enquadramento pelas categorias filosóficas. Para nossos propósitos, será preciso extrair as consequências epistemológicas dessa decisão de Arendt, a saber, aquela de eleger aqueles que ela denominou “escritores políticos”¹⁹, em especial Maquiavel, como interlocutores para sua investigação acerca do sentido do político.

IV.II. Em Strauss nos deparamos com um quadro muito diferente daquele que encontramos em Arendt. É necessário notar que Strauss (assim como fará Lefort) dedicou uma obra a Maquiavel²⁰, além de analisar o pensamento do florentino em vários estudos. Portanto, Strauss se posiciona, de modo inequívoco, como um intérprete de Maquiavel. No interior de sua filosofia política, este posicionamento adquire vários significados, sendo que o primeiro deles é que ele exerce, sobre Maquiavel, sua “arte de ler” e sua “arte de escrever”²¹. Por um lado, o texto maquiaveliano será o objeto a ser

¹⁹ Em um curso que ministrou em 1965 na Universidade de Cornell, Arendt faz a distinção entre “filósofos políticos” e “escritores políticos”: “Os escritores políticos escrevem a partir das experiências políticas e tendo em vista a política ela mesma (*out of political experiences and for the sake of politics*). Eles escrevem como Maquiavel porque foram exilados da cena política, a *medicina animae* é [algo] para a filosofia. Eles nunca perguntam: qual é o fim da política, qual é o fim do governo, pois isto é o que dão por óbvio, quer dizer, que a vida política é a melhor vida. Ela não poderia ter um “fim”, um objetivo que fosse mais alto do que ela”. H. Arendt, “From Machiavelli to Marx, folha 023453. Acessível em The Hannah Arendt Papers at the Library of Congress, <http://memory.loc.gov/ammem/arendhtml/arendthome.html> (último acesso: 05/2018).

²⁰ L. Strauss, *Thoughts on Machiavelli*. Chicago: The University of Chicago Press, 1958. Este livro de Strauss, publicado no mesmo ano em que *The Human condition*, constava da bibliografia dos cursos que Arendt ministrou sobre Maquiavel nos anos 1960.

²¹ A respeito, ver o excelente livro de Claudia Hilb. *Leo Strauss: El arte de ler. Una lectura de la interpretación straussiana de Maquiavelo, Hobbes, Locke y Spinoza*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2005, mas também Gérald Sfez. *Léo Strauss, lecteur de Machiavel. La modernité du mal*.

decodificado na escrita de Strauss, que deverá liberar seu sentido não perceptível em sua camada superficial. Por outro lado, a hermenêutica straussiana é inseparável do processo pelo qual são forjados seus próprios conceitos e formulada sua concepção de filosofia política. Nesse sentido, temas cruciais em Maquiavel são incorporados no pensamento do próprio Strauss e aí sofrem uma profunda alteração: por exemplo, a *verità effettuale* será apreendida como Iluminismo/ocultação e destruição da dimensão teleológica do filosofia política clássica²². Maquiavel torna-se, assim, se não o precursor da ciência política moderna, ao menos o pensador que lhe assegura as condições de possibilidade²³. É levando em conta este caráter peculiar de Maquiavel, autor de uma “cosmologia bíblica decapitada”²⁴, que será possível examinar de modo mais pormenorizado a famosa declaração de Strauss segundo a qual Maquiavel é um “professor do mal”²⁵. A apreensão do sentido dessa aparente invectiva contra o florentino demanda uma exegese paciente que deverá colocar em evidência os fundamentos da crítica que Strauss dirige à filosofia política moderna e a possibilidade de reconstrução de um discurso filosófico na modernidade. Em outras palavras, Maquiavel permite a Strauss colocar em termos precisos sua própria concepção de filosofia política. Por isso, torna-se imprescindível decifrar sua relação com o florentino, a qual ganha um contorno mais definido no livro de 1958, mas já era trabalhada desde aos anos 1940.

Com efeito, em seu livro sobre a tirania, publicado originalmente em 1949, já nos deparamos com as grandes linhas de sua interpretação. Entre as linhas de um estudo sobre Xenofonte, Strauss visava sobretudo a Maquiavel e à filosofia política moderna. Apesar de longa, citamos uma passagem desse texto que nos parece muito significativa:

A ciência política clássica tomava por ponto de referência a perfeição humana, a maneira pela qual os homens deveriam viver, e ela culminava na descrição da melhor ordem política. Essa ordem deveria ser realizável sem qualquer mudança, miraculosa ou não, na natureza humana, mas sua realização não era considerada como provável porque acreditava-se que ela dependia do acaso. Maquiavel ataca essa ideia, exigindo, de uma parte, que não mais nos situemos de acordo com a maneira em que os

Paris: Ellipses, 2003. Ver também Kim A. Sorensen. *Discourses on Strauss. Revelation and reason in Leo Strauss and his critical study of Machiavelli*. Indiana: University of Notre Dame Press, 2006.

²² Para uma recente abordagem desse tópico em Strauss, leitor de Maquiavel, ver I. Rollandi, “De la Superficie al Corazón. Leo Strauss y Maquiavelo”. In: *Unidad Sociológica*. Número 12, Año 3. Febrero 2018-Mayo 2018, pp. 68-78.

²³ A respeito, ver G. Sfez, *Léo Strauss, lecteur de Machiavel. La modernité du mal*. Paris: Ellipses, 2003, pp. 9-40.

²⁴ Ver C. Hilb, *Leo Strauss: El arte de ler. Una lectura de la interpretación straussiana de Maquiavelo, Hobbes, Locke y Spinoza*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2005, p. 75.

²⁵ Leo Strauss. *Thoughts on Machiavelli*. Chicago: The University of Chicago Press, 1958, p. 9.

homens devem viver, mas segundo a maneira em que eles realmente vivem, e sugerindo, de outra parte, que o acaso possa ou deva ser controlado. Essa crítica colocou as bases de todo o pensamento político especificamente moderno. A preocupação de ter uma garantia para a realização do ‘ideal’ conduziu ao mesmo tempo a um abaixamento da norma da vida política e ao nascimento da ‘filosofia da história’: mesmo os adversários modernos de Maquiavel não poderiam restabelecer a sóbria noção dos clássicos acerca da relação entre o ‘ideal’ e a realidade²⁶.

Assim como fizemos a respeito de Arendt (e faremos ainda o mesmo com Lefort), essa passagem nos apresenta dois eixos a partir dos quais podemos explorar a interpretação straussiana de Maquiavel. No primeiro deles, coloca-se o problema da destruição, empreendida pelo florentino, do ideal de excelência humana que norteava a filosofia política clássica. Será preciso esmiuçar, no desenvolvimento de nosso trabalho, em que consiste exatamente esse ideal para Strauss e em que medida Maquiavel pôde contestá-lo. O segundo eixo diz respeito à relação entre filosofia política e modernidade política, relação esta pautada pelo tema da técnica. Será a obra do florentino, para Strauss, o ponto de partida, o momento de ruptura, ou ainda a “onda”²⁷ que dará início à formulação de uma “ciência política” que trai o sentido autêntico da filosofia política clássica.

IV.III. Poderíamos dizer que a relação de Claude Lefort com Maquiavel é de natureza estruturante²⁸, visto que seu pensamento não apenas ganha seu contorno mais preciso a partir do encontro com o florentino, mas extrai de Maquiavel um de seus motes centrais, a saber, a dimensão política do social²⁹ explicitada a partir do caráter fundamental do conflito político. Com efeito, Maquiavel, repetirá Lefort inúmeras vezes, é o pensador que melhor compreendeu a natureza da cidade ao enfatizar a dimensão conflitiva da sociedade³⁰, o que significa dizer que a obra do florentino relança o problema do político.

Se Marx foi, sem dúvida, um dos primeiros referenciais teóricos de Lefort, seu pensamento deixava na sombra, contudo, a questão crucial acerca do político em favor

²⁶ L. Strauss, *De la tyrannie*. Trad. H. Kern e revista por A. Enegren. Paris: Gallimard, 1997, p. 376.

²⁷ Ver L. Strauss, “The Three Waves of Modernity”. In: L. Strauss, *An introduction to political philosophy*. Detroit: Wayne State University Press, 1989, p. 81-98.

²⁸ Ver N. Bignotto, “Lefort and Machiavelli”. In: M. Plot (ed), *Claude Lefort. Thinker of the political*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2013, pp. 34-50.

²⁹ Ver E. Hack, “Lefort, Lector de Maquiavelo: Sobre la Imagen del Príncipe y la ‘Política Requerida’ por la Situación”. In: A. Volco, *Maquiavelo en el siglo XX*, op. cit., pp. 18-28.

³⁰ Esta passagem expressa de forma clara esse ponto de vista: “a questão que Maquiavel coloca não é sobre a natureza humana, mas sobre aquela da cidade” (C. Lefort, “Machiavel et la Verità Effetuale”. In: *Ecrire. À l’épreuve du politique*. Paris: Calmann-Lévy, 1992, p. 166).

de uma visão política determinada pelo econômico. Como próprio Lefort afirma em 1978, o marxismo havia “recalcado o problema do político” na medida em que “tenta encontrar o fundamento da realidade social somente nas relações de produção”³¹. Ora, Maquiavel se apresenta como esse “outro de Marx” que teria colocado o poder no coração da reflexão política. Mas o poder aí é entendido em relação com a divisão social que se faz presente em toda cidade³². Conseqüentemente, Lefort sente-se fortemente atraído pelo gesto maquiaveliano de ao mesmo tempo recusar a tradição filosófica, que preconizava a harmonia e a concórdia como ideais políticos maiores, e acolher o conflito como elemento inerradicável da vida política:

Pareceu-me que, para Maquiavel, a sociedade está sempre dividida entre dominantes e dominados; que essa divisão não pode ser imputada a condições de fato (grau de desenvolvimento das forças produtivas) e que ela se combina com a divisão do poder e do conjunto social. Essa dupla divisão é constitutiva de toda sociedade política.³³

As razões do interesse de Lefort por Maquiavel não se esgotam aí. Por meio da leitura do florentino, ele encontra a possibilidade de tematizar outros pontos cruciais de sua reflexão como a noção de “obra de pensamento” e a questão da ideologia, que teremos a ocasião de examinar. Pelo momento, convém esclarecer que seu livro *Le travail de l'œuvre Machiavel*, publicado originalmente em 1972, é o texto em que Lefort aprofunda sua leitura da obra maquiaveliana elegendo o tema do conflito como chave de leitura para compreender o dinamismo das relações políticas. À luz de sua interpretação, Maquiavel aparece como o “pensador definitivo do conflito”³⁴ ao postular a existência de um antagonismo ineliminável que separa a cidade em duas classes distintas, cada uma delas determinada por um humor que lhe é peculiar. Em uma passagem bastante conhecida de *O príncipe* – e citada por Lefort em diversas ocasiões³⁵ – Maquiavel descreve essa oposição da seguinte forma:

porque em toda cidade se encontram estes dois humores diversos, nascendo, disso, que o povo deseja não ser comandado nem oprimido

³¹ C. Lefort, “Aperçu d’un Itinéraire. Entretien avec Pierre Rosanvallon et Patrick Viveret”. In: C. Lefort, *Le temps présent. Écrits. 1945-2005*. Paris: Belin, 2007, pp. 347-67.

³² É claro que Lefort não se esquece de que Marx também refere o poder à divisão de classe. No entanto, Marx é igualmente o pensador da superação dessa divisão, ao conceber a possibilidade de uma sociedade sem classes e sem antagonismo político. Maquiavel, em contrapartida, é o autor que enraíza o mais profundamente possível o conflito no interior da vida política, de modo a tornar uma coisa inseparável da outra.

³³ C. Lefort, “Aperçu d’un Itinéraire. Entretien avec Pierre Rosanvallon et Patrick Viveret”, art. cit., p. 348.

³⁴ N. Poirier, “La Division Sociale: Lefort Lecteur de Machiavel”. In: N. Poirier (ed). *Cornelius Castoriadis et Claude Lefort: L’Expérience Démocratique*. Lormont: Le Bord de l’Eau, 2015, pp. 109-119. Ver também o artigo de Sérgio Cardoso, “Em direção ao Núcleo da ‘Obra Maquiavel’: Sobre a Divisão Civil e suas Interpretações”. In: *Discurso*, 45/2. 2015, pp. 207-49.

³⁵ Por exemplo, C. Lefort, *Le travail de l'œuvre Machiavel*. Paris: Gallimard, 1972, p. 381.

pelos grandes e os grandes desejam comandar e oprimir o povo. E desses dois apetites diversos nasce na cidade um desses três efeitos: ou o principado ou a liberdade ou a licença³⁶ (MAQUIAVEL, 2007, pp. 105-7, trad. modificada).

Para Lefort, o caráter irredutível dessa divisão permite compreender os fundamentos da vida política ou, melhor dizendo, sua ausência de fundamento, visto que a divisão desvela a impossibilidade de uma plena coincidência da sociedade consigo mesma, desvela uma fratura essencial que transforma o ideal de unidade e de estabilidade políticas em uma representação que não pode encontrar suas bases na realidade.

Tendo em vista nossos objetivos, interessa indicar que a ênfase na divisão social, possível somente após a leitura de Maquiavel, permite a Lefort atingir dois objetivos: o primeiro é fazer a crítica a toda concepção política de cunho essencialista e que preconizava a dissolução do conflito no horizonte da experiência política. Isto é tão mais importante para Lefort quanto viabiliza uma denúncia dos sistemas totalitários, cujo mecanismo de base consiste precisamente na tentativa de restituição da unidade do corpo político. E se levarmos em conta o fato de que a experiência totalitária apenas pode ser compreendida à luz da instituição da sociedade democrática, marcada pela fragmentação e divisão, Maquiavel coloca Lefort na pista para a compreensão de ambas as coisas, isto é, o totalitarismo e a democracia. Este seria o primeiro eixo a ser examinado em nosso trabalho. O segundo eixo, fortemente aparentado com o que havíamos assinalado em Arendt, concerne à dimensão imaginária da política, explicitada por Maquiavel.

Para melhor elucidar como se constitui esse segundo eixo na recepção lefortiana de Maquiavel é imprescindível referir-se ao seminal texto de Merleau-Ponty (na verdade, uma conferência pronunciada em Roma em 1949) intitulado “Nota sobre Maquiavel”³⁷. Aluno, amigo e editor de Merleau-Ponty, Lefort tira grande proveito da inovadora leitura de seu mestre, que destaca o fato de que, para Maquiavel, “uma condição fundamental da política é se desenrolar na aparência”³⁸. A interpretação de Lefort irá desenvolver o tema da aparência na direção do imaginário político, mostrando que não há poder sem a constituição de uma dimensão simbólica e representativa,

³⁶ N. Maquiavel, *O príncipe*. Trad. de D. P. Aurélio. São Paulo: Editora 34, 2017, pp. 105-7 (trad. modificada).

³⁷ M. Merleau-Ponty, “Note sur Machiavel”. In: M. Merleau-Ponty, *Signes*. Paris: Gallimard, 1960, pp. 343-64.

³⁸ M. Merleau-Ponty, “Note sur Machiavel”. In: M. Merleau-Ponty, *Signes*. Paris: Gallimard, 1960, p. 352.

condição *sine qua non* para a instauração de uma comunidade política³⁹. Entre o príncipe e os súditos, entre o agente político e a comunidade a que pertence, torna-se necessária a instauração de um domínio da aparência a partir do que entende-se que o poder é de ordem relacional. Trata-se, para Lefort, na esteira de Merleau-Ponty, de mostrar que o poder não deve ser confundido com uma qualidade do governante, muito menos como uma propriedade a ele atribuída. Como afirma Lefort, “o ser do príncipe de encontra do lado de fora”⁴⁰, quer dizer, sua realidade é construída na relação que se estabelece entre ele e os súditos, relação na qual ele não é o mestre nem senhor absoluto. Sob esse aspecto, as análises lefortianas são fortemente convergentes com a de Arendt, pois esta também, como vimos, havia colocado em questão a distinção entre ser e aparecer no campo da política. Esta afinidade não causa surpresa, quando lembramos que não apenas Arendt era uma leitora de Merleau-Ponty, mas o fato de que tanto ela quanto Lefort encontraram na tradição fenomenológica um dos esteios de sua formação filosófica.

Esses dois eixos que pretendemos explorar na recepção lefortiana de Maquiavel (o mesmo valendo para Arendt e Strauss) são fundamentais para compreendermos como a obra do florentino lhe assegura a possibilidade de enfrentar a pergunta sobre o sentido do político na medida em que colocam no centro da análise as questões dos fundamentos (ou de sua ausência) e da aparência.

V – Aspectos Metodológicos:

Esta apresentação bastante sumária visa somente indicar algumas das linhas mestras que pretendemos seguir no desenvolvimento deste trabalho. Mas o esquema permanecerá incompleto se esquecermos que a aproximação dessas filosofias a partir de Maquiavel enseja um segundo momento, no qual a função de “operador conceitual” desdobra sua potencialidade na forma de uma abertura para o tempo presente. Dizendo de outro modo, Maquiavel oferece a Arendt, Strauss e Lefort a oportunidade de dirigir um olhar interrogativo ao tempo presente. Nesse sentido, a partir de Maquiavel tornam-se sensíveis certos aspectos da realidade política a que a obra de cada autor responde. Graças a Maquiavel, eles podem colocar algumas questões à sua realidade e ensaiar para elas algumas soluções. Para Arendt, o que está em discussão é a possibilidade, no mundo moderno, de encontrar um fundamento para a liberdade após a experiência do

³⁹ A respeito, ver S. Audier, *Machiavel, conflit et liberté*. Paris: Vrin/EHESS, 2005.

⁴⁰ C. Lefort, *Le travail de l'œuvre Machiavel*. Paris: Gallimard, 1972, p. 348.

totalitarismo. Em Strauss, está em jogo o *status* do discurso filosófico na modernidade, tendo em mente que interessa demonstrar sua insuficiência, seus paradoxos e suas contradições. Mas essa questão se coloca para ele em um contexto político e filosófico similar ao de Arendt, isto é, aquele no qual o advento dos sistemas totalitários é um problema maior. E o mesmo vale para Lefort, cujas reflexões sobre o político são referenciadas pela interrogação sobre as condições de possibilidade do sistema totalitário e suas relações com a democracia. Maquiavel, acreditamos, faz as vezes de *pivot* na articulação destes grandes tópicos do pensamento e da experiência política contemporâneos.

Convém ressaltar que a função desempenhada por Maquiavel no interior das obras desses importantes autores assinala, ainda, uma comunicação entre elas. Como vimos, não é difícil identificar alguns “temas comuns”, os quais podem ser melhor compreendidos tomando a obra de Maquiavel como uma de suas referências: os fundamentos do Estado, a fundamentação da filosofia política, o domínio da aparência e da representação, a crítica à moralidade cristã e o advento de uma sociedade secular, a centralidade do conflito na comunidade política em geral e, de modo mais particular, na sociedade democrática, todos esses temas estão presentes nas obras desses autores e são trabalhados em suas interpretações de Maquiavel. Mas importa ainda sublinhar as relações que esses autores mantiveram entre si. Embora este não possa se constituir como tema específico de nossa pesquisa, nossos objetivos não poderão ser satisfatoriamente atingidos se desconsiderarmos o fato de que Arendt e Strauss pertencem à mesma geração e foram formados no mesmo ambiente intelectual⁴¹. Embora não seja correto dizer que suas obras foram reciprocamente influenciadas, são inegáveis, como já assinalamos, as convergências entre alguns de seus interesses teóricos e, mais uma vez, eles podem ser destrinchados à luz de suas leituras de Maquiavel. Contudo, a relação de Lefort com os outros dois pensadores é muito distinta, pois que, fazendo parte de uma geração posterior, ele é um leitor de ambos e certamente lhes deve algo substancial em suas próprias análises. Vale lembrar que Strauss é um dos autores examinados por Lefort no âmbito do que ele denomina de

⁴¹ Começa a se avolumar a bibliografia sobre as relações entre os dois autores. Dentre os diversos trabalhos, têm destaque o livro de Liisi Keedus, *The Crisis of the German Historicism. The early political thought of Hannah Arendt and Leo Strauss*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015, assim como o de Carole Widmaier, *Fin de la philosophie politique? Hannah Arendt contre Leo Strauss*. Paris: CNRS Éditions, 2012. Na produção acadêmica brasileira, convém destacar a tese de Hugo Araújo Prado, *Hannah Arendt e Leo Strauss. O Estatuto do Problema da Normatividade na Teoria Política*, defendida em 2019 no PPG/Filosofia da UFMG.

“interpretações exemplares” em *Le travail de l'œuvre Machiavel*. Mais tarde, em *Écrire. A l'épreuve du politique*, Lefort faz uma crítica minuciosa das principais teses de Strauss⁴². Nesse sentido, a leitura de Lefort é, em parte, mediada pela de Strauss, o que nos obrigará a levar a examinar os elementos dessa interpretação. Além disso, as análises empreendidas por Lefort sobre o sistema totalitário, um de seus principais objetos de investigação, não são plenamente compreendidas sem a referência a Hannah Arendt⁴³. Naturalmente, não se trata, neste caso, de Maquiavel, mas o problema do totalitarismo é crucial para se acessar a concepção lefortiana do político.

Podemos, então, esboçar o quadro geral em que nossa pesquisa irá se desenvolver. Em primeiro lugar, será preciso reconstituir os principais aspectos das interpretações de cada autor acerca da obra de Maquiavel de acordo com o esquema que apresentamos na seção anterior. Em seguida, deveremos dirigir nossa atenção para os entrecruzamentos e as convergências entre os três autores, incluindo, nesta parte, a presença de Arendt e Strauss em Lefort. Por fim, pesadas as contribuições de cada autor, a pesquisa deve ser concluída com o exame dos conceitos do político inferidos a partir de seus trabalhos, o que incluirá não apenas a tentativa de explicitação de seu significado, mas também a inquirição sobre seus limites.

VI. Cronograma:

O projeto será desenvolvido na USP durante o período de 12 meses. Os detalhes do cronograma estão apresentados no Plano de Atividades Institucionais.

VII – Compilação das atividades desenvolvidas:

O tema do projeto integra nosso campo de pesquisa há alguns anos. Podemos enumerar alguns artigos científicos publicados sobre o tema mais recentemente: ADVERSE, Helton. “Hannah Arendt, Leo Strauss e a Filosofia Política”. In: *Estudos filosóficos*. N. 17, 2016, pp. 46-59; ADVERSE, Helton. “Schmitt e Maquiavel. Da

⁴² C. Lefort, *Écrire. A l'épreuve du politique*. Paris: Calman-Lévy, 1992, pp. 261-302. Sobre a interpretação lefortiana de Strauss, ver Claudia Hilb, “Leyendo a Claude Lefort: tras el rastro de Leo Strauss”. In: *Discurso*, 45/2. 2015, pp. 273-306, assim como M. Dutrisac, *Claude Lefort, Leo Strauss, lecteurs de Machiavel. La philosophie, l'écriture et le politique*. Tese defendida em 2006 na EHESS, Paris (inédita).

⁴³ O próprio Lefort, em um de seus últimos trabalhos publicados (justamente no livro em que retoma suas investigações sobre o fenômeno totalitário), declara que Hannah Arendt “foi a autora da qual sempre se sentiu mais próximo” (C. Lefort, *La complication*. Paris: Fayard, 1999, p. 17).

Técnica ao Conflito”. In: *Veritas*. V. 61, n. 1, 2016, pp. 26-49; ADVERSE, Helton. “Strauss et Machiavel. La Tyrannie et la Vertu Politique”. In: *Peri*, v. 8, n. 2, 2016, pp. 21-36;

Referências Bibliográficas:

- ARENDT, Hannah. *The human condition*. Chicago: The University of Chicago Press, 1958.
- ARENDT, Hannah. “What is Freedom?”. In: H. Arendt, *Between past and future*. Nova York: Penguin Books, 1977, pp. 143-72.
- ARENDT, Hannah. *On revolution*. New York: Penguin Books, 1990.
- ARENDT, Hannah. “History of Political Theory. Lectures. Nichollo Machiavelli, 1955”. In: The Hannah Arendt Papers at the Library of Congress. Acessível em <http://memory.loc.gov/ammem/arendthtml/mharendtFolderP04.html> (último acesso em 30/06/2019).
- ARENDT, Hannah. “From Machiavelli to Marx. Acessível em The Hannah Arendt Papers at the Library of Congress, <http://memory.loc.gov/ammem/arendthtml/arendthome.html> (último acesso em 21/05/2018).
- ARENDT, Hannah; JASPERS, Karl. *Correspondance (1926-1969)*. Paris. Payot, 1996.
- AUDIER, Serge. *Machiavel, conflit et liberté*. Paris: Vrin/EHESS, 2005.
- BIGNOTTO, Newton. “Lefort and Machiavelli”. In: M. Plot (ed), *Claude Lefort. Thinker of the political*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2013, pp. 34-50.
- CARDOSO, Sérgio. “Em direção ao Núcleo da ‘Obra Maquiavel’: Sobre a Divisão Civil e suas Interpretações”. In: *Discurso*, 45/2. 2015, pp. 207-49.
- CASTALDO, Filomena. *L’evento, l’innovazione, la pratica virtuosa. Arendt legge Machiavelli*. Firenze: Centro Editoriale Toscano, 2008.
- DUTRISAC, Myrtô. *Claude Lefort, Leo Strauss, lecteurs de Machiavel : La philosophie, l’écriture et le politique*. Paris : thèse inédite (EHESS), 2006.
- HACK, Erica. “Lefort, Lector de Maquiavelo: Sobre la Imagen del Príncipe y la ‘Política Requerida’ por la Situación”. In: A. Volco, *Maquiavelo en el siglo XX*, op. cit., pp. 18-28.
- HILB, Claudia. *Leo Strauss : El arte de leer. Una lectura de la interpretación straussiana de Maquiavelo, Hobbes, Locke y Spinoza*. Buenos Aires : FCE, 2005.
- HILB, Claudia. “Leyendo a Claude Lefort: tras el rastro de Leo Strauss”. In: *Discurso*, 45/2. 2015, pp. 273-306.
- HILB, Claudia. *Abismos de la Modernidad. Reflexiones en torno a Hannah Arendt, Claude Lefort y Leo Strauss*. Buenos Aires: FCE, 2016.
- KEEDUS, Liisi. *The Crisis of the German Historicism. The early political thought of Hannah Arendt and Leo Strauss*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- LEFORT, Claude. *Le travail de l’œuvre Machiavel*. Paris : Gallimard, 1972.
- LEFORT, Claude. “L’œuvre de Pensée et l’histoire”. In: *Les formes de l’Histoire*. Paris: Gallimard, 1978, pp. 238-58.
- LEFORT, Caude. *Écrire. A l’épreuve du politique*. Paris: Calman-Lévy, 1992.
- LEFORT, Claude. , *La complication*. Paris: Fayard, 1999.

- LEFORT, Claude. “Aperçu d’un Itinéraire. Entretien avec Pierre Rosanvallon et Patrick Viveret”. In: C. Lefort, *Le temps présent. Écrits. 1945-2005*. Paris: Belin, 2007, pp. 347-67.
- MAQUIAVEL, Nicolau. *O príncipe*. Trad. de D. Pires Aurélio. São Paulo: editora 34, 2017.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. “Note sur Machiavel”. In: M. Merleau-Ponty, *Signes*. Paris: Gallimard, 1960, pp. 343-64.
- PANCERA, Gabriel. “Arendt e Maquiavel: Fundação, Violência e Poder no Pensamento Republicano”. In: *Argumentos*, nº 9, jan/jul 2013, pp. 140-53.
- POIRIER, Nicolas. “La Division Sociale: Lefort Lecteur de Machiavel”. In: N. Poirier (ed). *Cornelius Castoriadis et Claude Lefort: L’Expérience Démocratique*. Lormont: Le Bord de l’Eau, 2015, pp. 109-119.
- PORCEL, Beatriz. “Arendt e o Legado Político de Cicero e Maquiavel”. In: H. Adverse e G. Castelo Branco (org). *Clássicos e Contemporâneos da Filosofia Política*. Belo Horizonte: Relicário, 2015, pp. 29-38.
- PRADO, Hugo Araújo. *Hannah Arendt e Leo Strauss. O Estatuto do Problema da Normatividade na Teoria Política*, defendida em 2019 no PPG/Filosofia da UFMG (inédita).
- ROLLANDI, Isabel. “Notas para Pensar el Maquiavelo de Hannah Arendt”. In: A. Volco (org), *Maquiavelo en el siglo XX. Lecturas contemporáneas de la modernidad política*. Instituto de Investigaciones Giulio Germani. Buenos Aires: Editora UBA, 2016, pp. 49-68.
- ROLLANDI, Isabel. “De la Superficie al Corazón. Leo Strauss y Maquiavelo”. In: *Unidad Sociológica*. Número 12, Año 3. Febrero 2018-Mayo 2018, pp. 68-78.
- SFEZ, Gérald. *Léo Strauss, lecteur de Machiavel. La modernité du mal*. Paris: Ellipses, 2003.
- SORENSEN, KIM A. *Discourses on Strauss. Revelation and reason in Leo Strauss and his critical study of Machiavelli*. Indiana: University of Notre Dame Press, 2006.
- STRAUSS, Leo. *Natural right and History*. Chicago : The University of Chicago Press, 1953.
- STRAUSS, Leo. *Thoughts on Machiavelli*. Chicago: The University of Chicago Press, 1958.
- STRAUSS, Leo. *De la tyrannie*. Trad. de l’anglais par H. Kern et revue par A. Enegren. Paris: Gallimard, 1997.
- STRAUSS, Leo. “The Three Waves of Modernity”. In: L. Strauss, *An introduction to political philosophy*. Detroit: Wayne State University Press, 1989, p. 81-98.
- TORRES, Sebastián. S. Torres, “Un Momento Maquiaveliano en Arendt? Republicanismo y Revolución”. In: *Cadernos de Filosofia Alemã*. V. 21, n. 3, 2016, pp. 13-40.
- WIDMAIER, Carole. *Fin de la philosophie politique? Hannah Arendt contre Leo Strauss*. Paris: CNRS Éditions, 2012.